

### 3. Entre o ‘ficar’ e o namorar

relações afetivo-sexuais

Fernanda Mendes Lages Ribeiro  
Joviana Quintes Avanci  
Lusanir Carvalho  
Romeu Gomes  
Thiago de Oliveira Pires

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RIBEIRO, FML., *et al.* Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K., orgs. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 55-86. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## ENTRE O 'FICAR' E O NAMORAR: RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS

*Fernanda Mendes Lages Ribeiro*

*Joviana Quintes Avanci*

*Lusanir Carvalho*

*Romeu Gomes*

*Thiago de Oliveira Pires*

Neste capítulo, buscamos entender como os jovens se relacionam afetiva e sexualmente, os sentidos atribuídos por eles a esses encontros e as peculiaridades dessas experiências segundo o viés de gênero. Tais discussões procuram pensar ainda as distintas localidades brasileiras estudadas e já citadas neste livro e a inserção social dos jovens. Nossa intenção é abordar o tema em uma perspectiva de problematização dos comportamentos afetivo-sexuais, juntamente com reflexões sobre alguns aspectos socioculturais a respeito do tema.

Ao longo da história, observamos que as formas de se relacionar amorosamente e que envolvem aspectos como sexualidade, amor, casamento e castidade sempre foram peculiares às especificidades do tempo e das sociedades. Na Antiguidade, por exemplo, o sexo era visto como algo bom e desejado pelos deuses, mas desvinculado do casamento. Os matrimônios se arranjavam visando à procriação de herdeiros (Socci *apud* Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005). Com o advento do Cristianismo, a virgindade passa a ter um valor fundamental e a sexualidade é aceita apenas dentro do casamento. A partir da Reforma Protestante, no século XVI, a ideia de castidade como desejo divino é rejeitada e o sexo passa a ser mais aceito, apesar de o 'prazer' permanecer como algo errado (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005).

No fim do século XVII, surge no campo das ideias o chamado 'amor romântico', que tanto se diferencia como se apropria de elementos do amor paixão, este mais conectado à vinculação sexual. A liberdade, elemento presente nos dois tipos de amor, ganha outro sentido em relação ao 'amor romântico', uma vez que o ideal de um amor sublime passa a ter ascensão sobre o ardor sexual. No final do século XVIII e no início do XIX, a arte, a pintura e os modos de vida passam a dar ênfase a este tipo de amor, em cujas expressões a compatibilidade e a complementaridade entre o homem e a mulher passam a ser extremamente valorizadas.

O século XX também apresenta marcos significativos quanto à história das relações afetivo-sexuais. A Primeira Guerra Mundial colaborou para a emergência de maior

liberdade sexual, sobretudo por causa do medo da proximidade da morte, o que ensejou o desejo pelo prazer imediato e pela maior atuação feminina na esfera social e na do trabalho. O advento da psicanálise trouxe a discussão da sexualidade na infância como prazer necessário e saudável. O desenvolvimento dos meios de comunicação tornou possível a circulação de ideias e valores, inclusive no campo das relações íntimas (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005). Além disso, o surgimento do HIV/Aids também interferiu muito na forma de se relacionar afetiva e sexualmente em todas as faixas etárias.

O período após a Segunda Guerra Mundial foi o que mais trouxe mudanças no âmbito das relações de gênero. O movimento feminista teve seu ápice na segunda metade do século, quebrando tabus e propugnando um lugar de protagonismo para a mulher, para sua liberdade de escolha, inclusive as afetivo-sexuais, e para sua entrada competitiva no mercado de trabalho e na vida pública. A chegada da pílula anticonceptiva, dentre outros métodos de controle da natalidade, e o desenvolvimento de novas tecnologias e equipamentos que facilitaram a vida doméstica colocaram em xeque padrões tradicionais e institucionalizados de comportamento entre os sexos e de gênero (Babo & Jablonski, 2002).

Do ponto de vista ideológico, ganharam força na sociedade ocidental os valores do liberalismo e do individualismo propostos e consagrados na Carta Universal dos Direitos Humanos. As grandes transformações econômicas, sociais e culturais do século XX tiveram efeitos peculiares na vida privada, redimensionando as formas das relações interpessoais e afetivas e tornando as opções e escolhas de arranjos entre homens e mulheres mais diversas e flexíveis.

Nesse período, alguns ideais do ‘amor romântico’ começaram a se fragmentar ante as pressões das reivindicações de emancipação e autonomia sexual feminina, dando espaço para o surgimento do amor confluyente, baseado nas relações emocionais equânimes, em que doação e recebimento caminham juntos. Nesse tipo de amor, a ausência e a presença da reciprocidade do prazer sexual passam a ser associadas à dissolução e à manutenção do relacionamento, respectivamente (Giddens, 2004).

Na época moderna, há a expansão e a popularização da mídia, que se torna um importante canal de disseminação e de reforço de formas de se portar e de se relacionar amorosamente, atingindo sobremaneira a juventude. No amor, ocorrem demarcações de tipos ou especificidades das relações amorosas, associadas a etapas da vida. Entretanto, apesar das demarcações, há coexistência de diferentes tipos de relações amorosas em um mesmo momento ou a presença de características de um tipo de relacionamento amoroso em outro que surge *a posteriori*.

Observamos que a associação entre amor e paixão – ou, em outras palavras, amor e ligação sexual – tem sido narrada como experiência quase universal. Ressaltamos que os tipos de amor não são exclusivos de um tempo, podendo subsistir em épocas que se sucedem. Nesse sentido, atualmente, como observam Babo e Jablonski (2002), há um “excesso de comercialização do amor romântico”, como um ideal de relacionamento no qual a busca pela unidade com o outro de maneira intensa e fusional é por demais

exigida. A ideia do amor romântico liga-se ao ideal de felicidade, só sendo feliz quem o atinge. No mesmo sentido, os papéis de gênero estão ligados à expectativa de eternidade da paixão.

Pela lógica da relação-consumo, como consequência da ilusão da paixão eterna – que só pode ter como objeto um amor idealizado –, quando o investimento afetivo no amor romântico cessa e se desgasta este é descartado e rapidamente substituído. Essa expectativa se apresenta de forma mais intensa na adolescência e na juventude, dada sua entrada no campo da experimentação amorosa.

A vida consumista favorece a leveza e a velocidade. E também a novidade e a variedade que elas promovem e facilitam. É a rotatividade, não o volume de compras, que mede o sucesso na vida do *homo consumens*. (Bauman, 2004: 67-68)

Os relacionamentos são válidos, dessa forma, enquanto têm algo de proveitoso a oferecer às partes. Objetiva-se evitar a frustração, a qualquer custo, em detrimento da fruição, sendo os vínculos estabelecidos pelos relacionamentos transitórios e frágeis, produtores de insegurança.

Com a flexibilização das relações afetivas e dada a primazia, na época da juventude, às experimentações, tem-se uma profusão de formas de se relacionar que não se restringem ao namoro. Dentre essas, principalmente a partir da década de 1980, vem sendo bastante utilizada, entre os jovens brasileiros, a expressão 'ficar' para caracterizar uma fase de atração sem maiores compromissos e que pode envolver desde beijos até contatos sexuais.

As características da experiência do 'ficar' parecem se encaixar com as da juventude, época da vida em que a sexualidade está no auge e à flor da pele e os papéis sexuais se definindo. Nessa perspectiva, a vida amorosa e sexual está inserida em um contexto de busca de identidade e de autonomia, e a escolha dos parceiros amorosos é uma forma de aprendizado da sexualidade não restrita à genitalidade.

A juventude é também momento de grande apelo à formação de grupos de pares, que exercem considerável influência sobre os padrões afetivos e sexuais (Bozon, 2004; Heilborn *et al.*, 2006). Assim, por meio da socialização, sexualidade e gênero associam-se a certos tipos de relacionamentos afetivo-sexuais, moldando padrões 'masculinos' e 'femininos' de se relacionar e de se comportar. Como exemplo, citamos a ênfase muitas vezes dada pelos garotos à relação sexual e a maior romantização dos relacionamentos por parte das garotas, o que se configura como uma construção social de gênero.

Nos dias atuais, com a prática do 'ficar', novas configurações de relacionamentos são experimentadas. Nelas, o amor não é pré-requisito e atuam outros fatores, como os sociais, culturais, políticos e econômicos (Silva, 2002). A prática do 'ficar' constitui o resultado de um jogo social e cultural que implica uma aprendizagem amorosa, podendo ser vista como um tipo de testagem para o namoro com o(a) parceiro(a) com quem se 'fica', ou não. Na pesquisa que apresentamos neste livro, os jovens destacam,

ainda, outras formas de relacionamentos afetivo-sexuais que não se restringem ao ‘ficar’ e ao namorar.

*Pari passu* com as práticas do ‘ficar’ convivem outras, como o ‘pegar’, que, segundo Oliveira e colaboradores (2007), pode ser visto como um ato espontâneo, sem compromisso, centrado mais no interesse físico e motivado pela beleza ou pela sensualidade, enquanto o ‘ficar’ seria um tipo de relacionamento mais íntimo e regular. Para esses autores, o ‘ficar’ se situa em uma zona intermediária entre o ‘pegar’ e o ‘namorar’, podendo adquirir características do primeiro ou, quando se torna mais regular, desembocar no segundo. Os autores observam ainda que, por ser intermediário em um contínuo, o ‘ficar’ pode oscilar entre o ‘pegar’ (fixando-se no ato sexual) e o ‘namorar’ (envolvendo várias dimensões da sexualidade e do compromisso). Importante sinalizar que, por mais que procuremos teorizar ou conceituar tais práticas, elas se atravessam e escapam a categorizações.

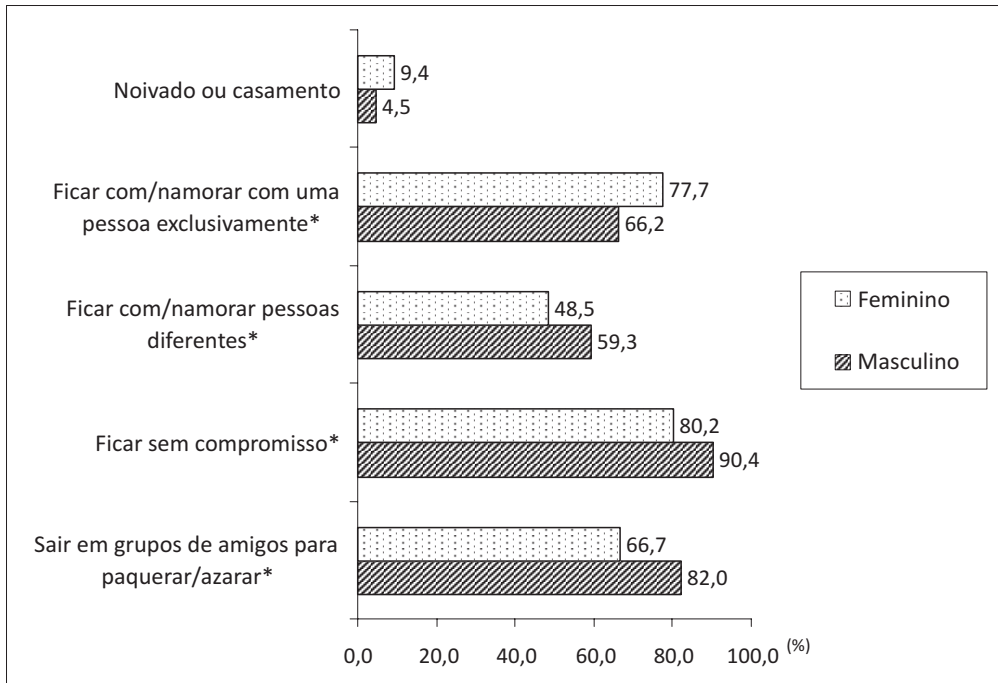
Partindo dessa perspectiva e ancorando-nos na pesquisa na qual se baseia este livro, buscamos, ao longo deste capítulo, apresentar e discutir como ocorrem hoje algumas das experiências amorosas e sexuais dos jovens, por eles relatadas, e que por sua pouca idade e vivência demonstram peculiaridades. Em específico, neste capítulo, pretendemos: 1) analisar os sentidos atribuídos aos relacionamentos afetivo-sexuais e aos papéis de gênero; 2) identificar a existência de similaridades e diferenças nas opiniões a respeito desses relacionamentos no que tange a: capitais brasileiras estudadas, sexo e inserção em rede de ensino pública ou privada – utilizada como forma de aproximação das condições socioeconômicas em que vivem os jovens; 3) problematizar as opiniões e vivências dos jovens em relação ao uso de preservativo, gravidez, aborto, doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), uso de álcool e outras drogas.

## OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAL

Na pesquisa com os jovens das dez capitais investigadas, verificamos que é muito comum “ficar com alguém sem compromisso”, o que foi relatado por 84% dos entrevistados e mais pelos rapazes. “Sair com amigos para paquerar ou azarar” e “ficar com ou namorar pessoas diferentes” também são mais relatados pelo grupo masculino, sendo o comportamento relacional mais presente entre os cariocas e os gaúchos, e o segundo entre os mineiros. Já as garotas destacam mais a relação com apenas uma pessoa ou o noivado e o casamento (Gráfico 1).

Os resultados apresentados neste capítulo evidenciam os distintos modelos sociais que atravessam os papéis sexuais de conquista e sedução nas relações amorosas dos meninos e das meninas e dos modelos do ‘ser homem’ e do ‘ser mulher’. Revelam também que, nessas expressões, o sentido de maior liberdade sobressai entre os estudantes da rede privada, talvez porque esse segmento tenha maiores oportunidades financeiras do que os alunos da rede pública.

Gráfico 1 – Experiências amorosas de jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo



\* $p < 0,01$ .

Apesar de quase todos os jovens pesquisados dizerem que já haviam se apaixonado (89,5%), essa referência é predominante nas meninas, especialmente quando acreditam terem sido correspondidas (Gráfico 2). Recorrentemente, é apontado pelos adolescentes da pesquisa que as meninas são mais ‘sentimentais’ que os meninos, o que nem sempre é visto como algo positivo:

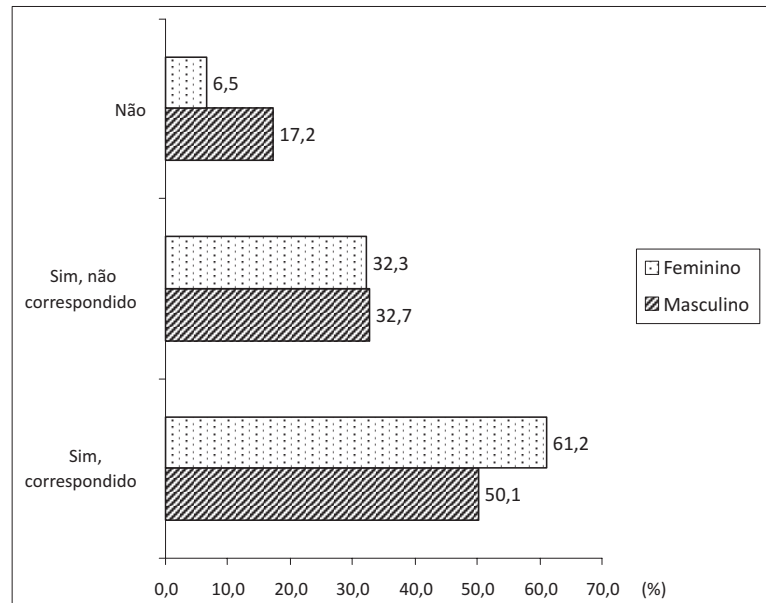
*Eu acho também porque a maioria das meninas são tudo mais bestinhas, mais bobas, tudo: ‘Ah, eu estou amando, ah, eu tô amando’. Homem não, homem fica ali, brinca aqui e não está nem aí.*  
(Mulher, escola pública, Recife)

Vale também indagar se as meninas fantasiam mais a relação e o sentimento amoroso, ao passo que os meninos tendem a apresentar um posicionamento mais distante. Essa indagação remete a questões de gênero que atravessam as relações afetivo-sexuais. Ao se falar dessas relações, podem aparecer diferenças entre o que homens e mulheres dizem. Estudo realizado em três cidades brasileiras conclui que os discursos femininos costumam se ancorar em contextualização afetivo-romântica das suas relações; em contrapartida, os masculinos se centram na capacidade corporal do desempenho sexual (Leal & Knauth, 2006). Contudo, inferir generalizações a respeito dos sentimentos masculinos e femininos pode ser um risco na medida em que induz ao reforço de papéis de gênero estereotipados, uma vez que a própria posição ‘mais sentimental’ ou ‘mais dura’ é fruto

de construções sociais que abarcam esses jovens e que são por vezes reforçadas, por vezes questionadas.

A pesquisa demonstra que 32% dos entrevistados declaram já ter se apaixonado e não terem sido correspondidos, e 10,5% dizem que nunca se apaixonaram. Neste último grupo os meninos prevalecem, reforçando a ideia de menor envolvimento afetivo em comparação com o grupo feminino (Gráfico 2). Mais jovens de Cuiabá, Florianópolis e Teresina (16%) dizem nunca ter se apaixonado, em relação aos das outras capitais (14%).

Gráfico 2 – Experiência de apaixonamento de jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo\*



\* $p < 0,001$ .

Observamos nos discursos juvenis a presença de diferentes sentidos atribuídos ao relacionamento amoroso, configurando-se muitas similaridades e algumas especificidades nas diferentes cidades situadas nas cinco regiões brasileiras. Poucos estudos nacionais se dedicaram a investigar distinções no comportamento de adolescentes de diferentes regiões do país. Lassance (2005) observa mais diferenças entre estratos sociais e entre centros urbanos e periferias do que entre regiões do país. Uma identidade do jovem brasileiro é sinalizada em detrimento de uma identidade regional, afirmando que “o jovem é uma categoria eminentemente nacional. Seus contrastes regionais são extremamente tênues” (Lassance, 2005: 80).

Registrou-se, em nossa pesquisa, que o ‘ficar’ e o ‘pegar’ são comuns nas dez cidades estudadas, misturando-se e caracterizando-se principalmente por encontros efêmeros em festas, boates e ‘micaretas’, em que os jovens podem ou não se conhecer previamente. Segundo os entrevistados, não há envolvimento afetivo e seus pais não têm conhecimento desses tipos de relação, a não ser algumas vezes, quando as mães

são consideradas pelos filhos ou filhas como amigas. A média de idade para o 'ficar' é de 12 anos, com exceção dos jovens de Manaus, onde essa relação se inicia um pouco mais tarde, em média aos 13 anos.

Os dados da pesquisa também revelam que o número médio de pessoas com quem os meninos já 'ficaram' (17,3 pessoas) é superior ao das garotas (15,3), sem distinção de rede de ensino, sendo Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre as capitais com números mais elevados (em torno de 19), e Recife ficando com a menor média (12). Se, por um lado, para os rapazes que 'ficam' com várias meninas tal comportamento não é problema e não os difama, por outro, para as meninas que ficam com vários meninos e que 'pegam todo mundo', existe a estigmatização, inclusive por parte das próprias garotas, que são chamadas de 'peguete', 'garota safada' e 'mulher cachorra'.

As meninas citam basicamente o 'ficar' e o 'namorar' como iniciação relacional afetivo-sexual, enquanto os meninos, especialmente os do Sudeste, ressaltam mais o 'pegar'. Segundo os garotos, são eles que 'pegam' e as meninas 'ficam', valorizando uma supremacia masculina: "Elas falam que pegam, mas quem pega é a gente, cara!" (Homem, escola pública, Rio de Janeiro); "A gente não pode pegar por quê?" (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro).

O 'ficar' e o 'pegar' são práticas de certa forma instituídas e conhecidas de todos os jovens, e também de adultos. As festas costumam ser o espaço de 'pegação', em que 'se beijam muitas pessoas'. Em geral, a escolha da pessoa com quem se 'fica' está associada a algum tipo de atração física: "As micaretas geralmente você vai para ficar, para beijar só, só beija" (Mulher, escola particular, Belo Horizonte); "É, tem essas que estão com namorado sério, mas rola mais é o ficar. É só o ficar mesmo e pronto. Nem troca telefone, contato, nem nada" (Homem, escola pública, Teresina);

*'Cala a boca e beija logo' é um tipo de festa que você vai com várias fitinhas. Chega logo: 'Ah, quero beijar muito'. E várias outras fitinhas assim: 'Eu já tenho compromisso.' Mas o ficar acaba acontecendo devido a essas festas também. Eu acho que influencia muito a cabeça da pessoa: 'Olha aquela menina bonitinha, olha aquele gatinho, aí.' 'Ah, não quero namorar, não, eu tenho que curtir.'* (Mulher, escola pública, Manaus)

Os rapazes e as moças ressaltam a curtição e o prazer momentâneo que o 'ficar' proporciona, além de outras características a ele associadas: "[O 'ficar' é] mais carnal que emocional" (Homem, escola pública, Belo Horizonte); "Pega uma e quer pegar outra e não tem essa de estar com uma mulher só, não. Pelo menos na minha idade é assim" (Homem, escola pública, Manaus); "Impulso sexual. Às vezes ela não é aquilo que você quer para conviver, para se relacionar para o resto dos seus anos, e talvez você só queira curtir o momento, a transa, os amassos" (Homem, escola particular, Rio de Janeiro).

Especialmente na cidade de Brasília, observamos que os jovens referem um distanciamento físico nas relações afetivas proporcionado, segundo eles, pela estrutura e geografia da cidade. No entanto, esse distanciamento é apontado como não exclusivo das relações amorosas, mas dos relacionamentos sociais de maneira geral. Os entre-



vistados brasileiros consideram-se diferentes e mais individualistas, o que interferiria nas relações amorosas e sexuais. Os espaços de relacionamento aparecem demarcados em festas, *shows*, boates e *shoppings*: “Temos individualismo, as pessoas são assim muito individualistas” (Homem, escola particular, Brasília).

*Pelo menos aqui em Brasília é uma coisa meio natural ter distância assim, não tem muito [relacionamento] até com seus amigos ou com seu vizinho. É uma coisa muito distante, uma pessoa da outra, é uma coisa muito sem afeto.* (Homem, escola particular, Brasília)

Alguns jovens explicam uma espécie de gradação nas ações relacionadas ao ‘ficar’, que pode incluir desde beijos até a relação sexual:

*Tem o ficar só naquele momento, só naquele dia. E tem outro que é quando, principalmente os homens, querem ficar e já querem tudo. Então isso eu aprendi: que tem dois tipos de ficar. Se quiser ficar, fique só naquele momento, mas não faça mais nada. Não toca nem em outras partes, como dizem. Tem certas pessoas que já fazem logo, logo na ficada.* (Homem, escola pública, Manaus)

*É que tem vários ficar. Tem aquele ‘estou ficando’ de uma semana, duas semanas, vai ficando, vai indo até onde der, e tem o ficou que é numa balada, dá uns pegos e acabou.* (Mulher, escola particular, Porto Velho)

*Depende da pessoa. Eu tenho várias amigas que ficam e transam e fazem tudo só que não é nem o ficar. Ninguém sabe que elas ficam. E ficam só para fazer amor, só para transar mesmo. ‘Ah, estou aqui e vou pegar uma pessoa, vou lá ficar com ela, dou mole pra ficar com ela’, é assim. Hoje em dia, em Florianópolis, é muito assim.* (Mulher, escola pública, Florianópolis)

Desse modo, observamos que, apesar de indicar uma experiência amorosa passageira, o ‘ficar’ pode se tornar um envolvimento mais ‘sério’ e um ‘ficar importante’. Pode também ser um marco numa trajetória de relacionamentos afetivos, ocupando um papel de transição e de oportunidade para conhecer melhor o futuro parceiro: “Às vezes um ficar vira um rolinho que pode virar um namoro” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro); “Primeiro pega, fica, depois namora” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro).

No entanto, nem todos os jovens aderem à prática do ‘ficar’, demonstrando um posicionamento crítico quanto a esse tipo de relação, vista sob uma ótica de superficialidade e de banalidade afetiva: “Eu não vou ao *show* de axé só para sair beijando todo mundo. Eu acho meio absurdo você ficar com alguém que não conhece” (Mulher, escola particular, Belo Horizonte); “Eu acredito em namoro à moda antiga, sei lá. É uma coisa mais tradicional, mas uma coisa que tenha mais sentimento” (Mulher, escola particular, Brasília).

Relacionados ao ‘ficar’ e ao ‘pegar’ há o ‘colar’ (como sinônimo deles) no Nordeste; o ‘breth’, no Sul, e a ‘paquera’, no Centro-Oeste. Esta é caracterizada por um adolescente como “uma conversa que você tem com a pessoa. É uma forma de mostrar o que você sente pela outra pessoa” (Homem, escola pública, Cuiabá). Já o ‘breth’ tem a seguinte explicação: “Os emos inventaram uma expressão chamada breth. Pra definir tudo. Breth

é ficante, breth é ela está bretiando, ela está ficando, breth, tu tá trovando” (Mulher, escola particular, Porto Alegre).

Outro sentido atribuído pelos jovens ao relacionamento afetivo-sexual é o ‘rolo’, mais utilizado no Sudeste. Este se situa na transição entre o ficar e o namorar, ‘fica no meio’, antes do ‘namoro’, quando este ainda não chegou ao conhecimento da família. No ‘rolo’, o ‘ficar’ com outras pessoas pode ainda ser permitido: “Uma coisa mais séria do que ficar e mais *light* que o namorar” (Homem, escola pública, Cuiabá); “Rolo é aquele namoro assim, que não é certo, é fora de casa, que os pais não sabem” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro).

Observamos que as etapas, a transição de um tipo de relação para outro e as formas de relacionamentos amorosos entre os jovens nem sempre são claras e explícitas, representando diversas formas de experimentação. Os rapazes das cidades localizadas na região Sudeste dizem que, apesar de haver diferenças entre o ‘ficar’ e o ‘namorar’, na prática esses tipos de relacionamento podem se misturar, principalmente pela dificuldade que os jovens têm de reconhecer, para si e para os amigos, o amadurecimento da relação ou, ainda, quando há discordância entre os pares sobre o destino do relacionamento: “Às vezes você não sabe se está ficando ou namorando” (Mulher, escola particular, Belo Horizonte); “Às vezes ele está namorando você e você não o está namorando. É muito complicado” (Mulher, escola particular, Belo Horizonte).

Os jovens moradores de cidades da região Sul acrescentam ainda uma nuance que transita entre o namoro e o ‘ficar’, que estaria de acordo com as épocas do ano. No inverno, em razão do clima frio, seriam mais comuns os relacionamentos do tipo namoro, o ‘ficar juntinho’, como se fosse uma ‘curtição de inverno’, mas o que não configuraria um namoro propriamente dito por não implicar compromisso mais sério. Com o verão, época de praia, o relacionamento acabaria ‘naturalmente’:

*Namoro. Por enquanto, eu estou, todo mundo está, tipo, meus amigos, minhas amiga, todo mundo. Eu acho que é época. Chega verão, que é praia... É uma curtição, assim, uma coisa assim light. Tu ficas com tuas amigas, teus amigos, entendem? Assim, se vê de novo, aí fica, não tem aquele negócio de compromisso sério. Aí no verão, ninguém é dono de ninguém.* (Homem, escola pública, Porto Alegre)

Já no ‘namoro’ propriamente dito, a compreensão sobre o tipo de relacionamento com o outro é diferente. A relação, ainda que efêmera, é marcada por sua publicidade, simbolizando a entrada do jovem na cena dos adultos.

A média de idade para início do namoro entre os pesquisados é de 14 anos, sendo um pouco mais cedo entre os da rede particular de ensino e em Brasília, Rio de Janeiro, Porto Velho e Recife. Em geral, os jovens entrevistados mencionam que já tiveram dois namorados. Os meninos, os estudantes do ensino público e os de Manaus, Porto Velho, Brasília e Rio de Janeiro dizem já terem experimentado mais de dois namoros.

Uma das principais características do namoro é a inclusão do relacionamento no âmbito familiar, marcado pelo conhecimento dos pais sobre a relação e pela frequência

do parceiro à casa da família. Os adolescentes destacam, ainda, o planejamento do tempo em conjunto e o sentimento de maior solidez na relação.

Alguns jovens referem também a existência de marcos simbólicos de compromisso e de pertencimento ao outro, como o uso de aliança – o que foi mencionado principalmente nas cidades do Sul do país. Nas localidades do Nordeste, os rapazes ressaltam, sobretudo, os momentos de receio e timidez que vivenciam quando vão pedir aos pais da menina a autorização para namorar. Os depoimentos a seguir ressaltam os sentimentos mais sólidos tidos como necessários à reciprocidade afetiva no namoro: “Eu já tenho uma tese que é assim: quem namora já quer dá um passo. É porque quer uma coisa séria. Quer uma coisa que não é só aquele momento” (Mulher, escola particular, Recife); “Porque tem que ver primeiro se vai dar futuro. Aí, sim, a gente compra uma aliança de compromisso tal” (Mulher, escola pública, Florianópolis); “Eu acho que é uma idade assim que a gente mais muda de uma hora para outra. E estar com aquela aliança significa que você vai ficar lembrando aquela pessoa o tempo inteiro” (Mulher, escola particular, Florianópolis).

Alguns sentimentos como ciúme, desconfiança e medo de traição tendem a ser suscitados ou exacerbados no contexto do namoro. Por haver um vínculo mais sólido entre o casal, essas emoções costumam estar presentes, ter maior legitimidade e provocar desavenças. Dessa forma, o namoro passa, por vezes, a ser um espaço de controle e de cobrança dos passos um do outro, sobretudo de horários. Aqui o afeto aparece como justificativa para o controle do outro. Ressaltamos, contudo, que também nas outras formas de relacionamento, tidas como de menor compromisso, igualmente existem o ciúme e atitudes de controle do outro. Esses tipos de sentimentos, porém, têm sua presença mais legitimada no namoro. “Quando começa a querer colocar ordem em você, foi o que aconteceu comigo: ‘Ah eu vou em tal lugar!’ Aí ele: ‘Você não vai!’ ‘Por quê?’ ‘Porque eu não quero!’” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro);

*Quando a pessoa tem muito ciúme começam as discussões. Aí a mulher vê que não dá certo, porque não aguenta tanto ciúme. Eu não gosto de tanto ciúme assim, meu namorado é muito ciumento. Aí não deu certo. Agora a gente está tentando de novo para ver como é que vai ficar.* (Mulher, escola pública, Porto Velho)

*Não. Tem menino que se apega à menina. Meu segundo namorado a gente ficou, a gente já se conhecia, mas assim, sabe que você nem tá namorando e a pessoa te liga três vezes por dia, manda mensagem umas seis no mínimo, manda mensagem no Orkut, MSN, nem te conto. Você se sente sufocada, entrega urso na sua casa, flores, você nem está namorando.* (Mulher, escola pública, Brasília)

A traição também é frequentemente referida nas relações de namoro e, por vezes, tratada como algo natural e utilizada como justificativa para atos de violência entre os namorados: “Acho que 80% dos que namoram traem” (Homem, escola pública, Rio de Janeiro); “Trair é meio natural, é uma coisa meio que obrigatória assim” (Mulher, escola particular, Brasília);

*Ab! Eu pedi para ele ser sincero comigo. Mas sabe como é que é homem, não é? A gente fez um trato de sinceridade, só que o famoso Orkut entrega tudo. Orkut, MSN, Internet em geral entrega tudo. (Mulher, escola pública, Porto Alegre)*

Por causa da iminência de serem mutuamente acusados por ciúme, desconfiança e traição nas relações de namoro, muitos rapazes e moças justificam sua preferência pelo 'ficar', já que, nessa relação, supostamente, não existem amarras e há menos risco de se apaixonar e de se decepcionar. O contexto de experimentações afetivas e sexuais descomprometidas do 'ficar' se torna muito atrativo:

*Porque o que acontece é que eu mesmo, particularmente, não confio em ninguém. Como eu não confio se eu ficar com uma menina. Porque cada cabeça é um mundo. Eu posso pensar: eu não vou te trair, eu não vou fazer isso, mas ninguém sabe o que está acontecendo com ela também. E eu me preocupo não é nem isso, é a pegação no pé. Eu tenho uma experiência mesmo, que eu faço curso, largo dez horas, dez e meia, ela liga: 'Já chegaste?' (Homem, escola pública, Recife)*

Na concepção dos jovens, namoro envolve responsabilidade, lealdade e respeito com o sentimento do outro. Para alguns, o namoro é “algo muito sério e difícil”, que deve ser vivido apenas quando se pretende casar: “Namorar, nessa idade, é perder a melhor parte da adolescência, a melhor parte da vida” (Homem, escola particular, Porto Velho); “Prefiro ficar assim do jeito que eu estou, até achar a pessoa certa, que no caso ainda não achei” (Homem, escola pública, Belo Horizonte);

*Normalmente é mais ficar, porque para mim ficar é mais gostoso, sei lá, num dia a gente fica com um, noutro dia com outro, e assim vai. Esse negócio de namorar, sei lá, vira rotina. Então para mim, namorar não existe, para mim é ficar, entendeu? Acho que é melhor e é o mais normal. A moda de agora dos jovens é o ficar, entendeu? (Mulher, escola pública, Manaus)*

Apesar do receio de maior envolvimento, há também a valorização da parceria, da união e de outras trocas positivas, pelo menos no considerado 'namoro sério'. Alguns meninos entrevistados individualmente se reconhecem diferentes da maioria, destacando que preferem o 'namoro' ao 'ficar', pois se sentem felizes com suas parceiras, como menciona o entrevistado a seguir: “Eu não gosto assim, de como esses jovens hoje, ficar, ficar, ficar. Isso aí, para mim, eu não gosto. Nem de trair eu não gosto” (Homem, escola pública, Teresina).

Ainda no âmbito do namoro, alguns entrevistados referem a existência do “namoro liberal”, no qual seria permitido ao casal se relacionar com outras pessoas, o que pode ou não ser revelado ao parceiro: “a mulher é corna, que o homem é corno, aquele namoro liberal” (Mulher, escola pública, Belo Horizonte). Esta modalidade de namoro parece servir, em alguns discursos, como forma de lograr êxito na relação sexual: “Não tem sentimento e namora só para transar e termina” (Homem, escola particular, Rio de Janeiro). Há também o “namoro por conveniência”: “Só para falar que está comprometido” (Homem, escola pública, Belo Horizonte); “Namorar para não ficar sozinho” (Menino, escola pública, Belo Horizonte).

Outro aspecto importante a ser observado, em geral, a respeito do namoro, e que confirma a existência de papéis de gênero diferenciados, é a responsabilização da menina pela definição dos parâmetros da relação e pela aceitação ou não de traição, “Do que a menina vai impor [ao garoto]” (Menina, escola particular, Belo Horizonte); “Se ela se valoriza ou não, aí o homem vai valorizar ela” (Menino, escola particular, Belo Horizonte). Caberia, dessa forma, à menina a responsabilidade pela seriedade da relação e pela exclusividade dos parceiros.

A adesão a algum tipo de religião surge como mais um atravessamento na vida dos entrevistados, o que pode interferir significativamente na forma e na condução dos relacionamentos amorosos. Os jovens identificam a religiosidade (sem especificação de crença) como um parâmetro de respeito ao outro e de um tipo especial de namoro.

*Eu não vou à festa porque eu sou evangélica, mas assim, eu fiquei foi no interior daqui, fiquei com ele um bom tempo, e a gente se conhece desde pequeno, porque eu sou de lá. (Mulher, escola particular, Teresina)*

*É porque eu namoro, mas o meu namoro é diferente, meu namoro é um namoro cristão, é completamente diferente do namoro convencional que elas estão falando, entendeu? Meu namoro é assim: existem regras, limites, e a gente é feliz assim. (Mulher, escola pública, Cuiabá)*

O ‘noivado’ foi citado por poucos jovens (7,6% dos entrevistados) e, como seria de esperar, pelos mais velhos (18-19 anos).

*Tem uns que começam a ficar e depois é namorado. Foi assim: comecei a ficar com ele, fiquei uma vez, fiquei outra vez, até que deu namoro e agora nós estamos morando junto. Você só não fica; acabou procurando a minha irmã pra ver se a gente ficava e aí até que começamos a namorar e hoje nós estamos morando junto. (Mulher, escola pública, Teresina)*

Todos os sentidos atribuídos às relações afetivo-sexuais pelos jovens, em geral, são atravessados por polos antagônicos: compromisso *versus* não compromisso; longa duração *versus* pouca duração; intimidade sexual *versus* superficialidade sexual; envolvimento afetivo *versus* não envolvimento afetivo; e exclusividade *versus* traição. Esses polos servem-lhes de parâmetro consciente ou não para definirem tipos de relacionamentos afetivo-sexuais. No entanto, nem sempre suas opiniões são coerentes, como na convivência observada entre compromisso e traição em uma mesma fala, por exemplo. Como menciona Bauman (2004: 8), “no líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência”.

Nesse sentido, em uma definição de relação afetivo-sexual – que será sempre particular ao casal/aos envolvidos – podem conviver, por exemplo, a ideia de um relacionamento de longa duração, sem nenhum compromisso, ou um relacionamento de curta duração, com intimidade sexual. Há definições que se situam em gradações entre contínuos envolvendo cada par de polos, que podem ainda expressar concordância ou discordância entre os envolvidos.

Especificamente em relação ao 'ficar', os sentidos atribuídos pelos jovens revelam, em um primeiro plano, o descompromisso. Desse modo, nossos achados se aproximam dos encontrados por Heilborn e colaboradores (2006), assinalando que no final dos anos 80 a expressão 'ficar' já nomeava os contatos corporais e afetivo-sexuais sem vínculos, entre parceiros que poderiam nunca mais se rever.

Paralelamente a esses sentidos que apontam para o descompromisso, convive a ideia do namoro, que envolve a competência social de seus envolvidos em se relacionarem amorosamente com o outro (Diamond, Savin-Williams & Dubé, 1999) e um compromisso mais sério, uma relação mais duradoura, com maior investimento no respeito mútuo, exigência de fidelidade e existência de relação sexual. No entanto, os sentidos atribuídos pelos jovens ao namoro operam em uma lógica distinta da que predominava em algumas décadas do passado, aproximando-se, assim, da observação de Heilborn e colaboradores (2006) quanto ao fato de o namoro não mais ser visto como simples etapa de preparo para a conjugalidade, e sim como uma experimentação afetivo-sexual.

## O COMPORTAMENTO SEXUAL DOS JOVENS

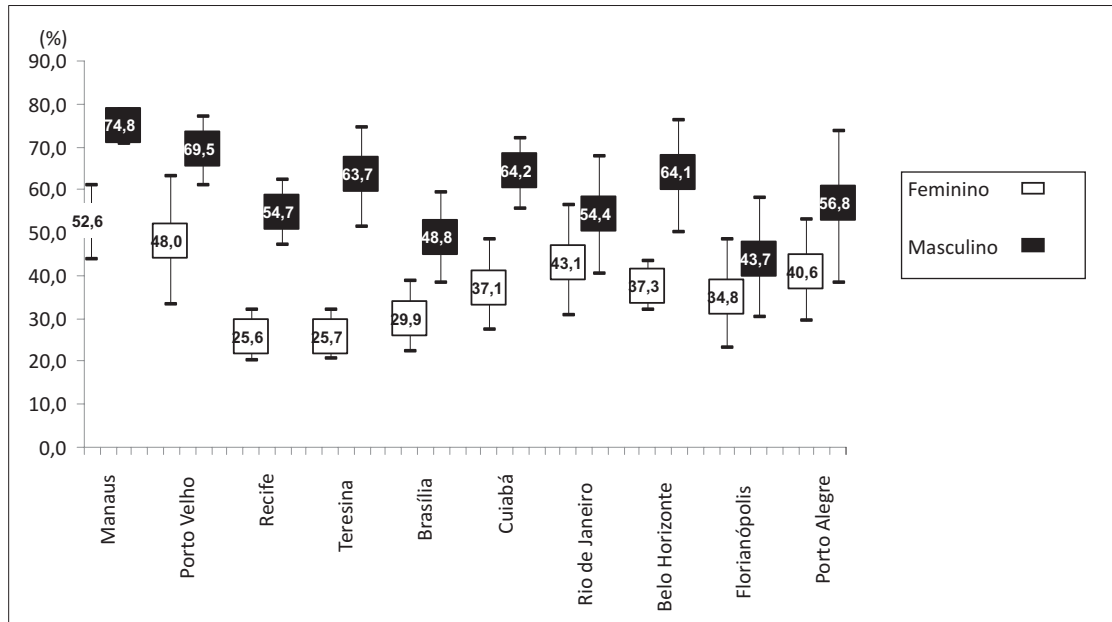
Ao pensar nos relacionamentos dos jovens como um processo de aprendizagem para a vida adulta, entende-se que o comportamento sexual serve também como teste para construção de sua identidade.

Observamos que 46% dos pesquisados já 'transaram', estando no topo do *ranking* os estudantes das capitais estudadas na região Norte (de 56% a 60%), enquanto os de Florianópolis, Recife e Brasília apresentaram os menores percentuais (38%). Cinquenta e sete por cento dos meninos afirmam que já transaram, ao passo que quase 40% das meninas indicam que já tiveram experiência sexual. A prática sexual é mais relatada pelos estudantes da rede pública (49,4% contra 37,3% do ensino privado). O Gráfico 3 apresenta tais estimativas, segundo o sexo dos jovens.

O fato de mais meninos do que meninas terem afirmado que já haviam tido relação sexual está de acordo com dados nacionais. No Brasil, em 2005, em todas as regiões, observou-se ser maior a proporção de jovens do sexo masculino que iniciaram a vida sexual antes dos 19 anos (Paiva *et al.*, 2008).

Muitos jovens têm conflitos em relação ao que esperar de um envolvimento sexual (De Gaston, Jensen & Weed *apud* Miller & Benson, 1999). A sexualidade é uma marca de gênero e de identidade e pode ser exercida de maneira tão diversa quanto as expressões de subjetividade (Gagnon, 2006; Heilborn *et al.*, 2006).

Gráfico 3 – Prevalência de relações sexuais de jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo



A média de idade da primeira relação sexual é de 14,8 anos, começando um pouco mais cedo entre os meninos, os estudantes da rede particular, os brasilienses e os cuiabanos. Essa média se aproxima à encontrada em outros estudos nacionais. Segundo Paiva e colaboradores, em 2005 a idade média de jovens que tinham se iniciado sexualmente foi de 14,9 entre 61,6% dos entrevistados (Paiva *et al.*, 2008). Raffaelli (2005) também ressalta em seu estudo que os homens jovens apresentam idade menor à época de sua primeira experiência sexual, sendo esta anterior ao primeiro relacionamento estável (média de 16,2 para primeira experiência sexual e de 16,6 anos para primeiro relacionamento estável). Já as garotas referem ter tido sua primeira experiência sexual um pouco mais tarde (17 anos para primeira relação e 16,5 para primeiro relacionamento sério).

Segundo Paiva e colaboradores (2008), diferenças de gênero acerca da iniciação sexual estão presentes em todas as regiões brasileiras. Uma das hipóteses explicativas para esse fato se refere às normas e expectativas de atitudes e práticas serem distintas para homens e mulheres no que diz respeito à sexualidade.

Sobre a iniciação sexual precoce ou fora de um relacionamento do tipo namoro, as garotas das capitais do Centro-Oeste se mostram críticas quanto ao pouco conhecimento do parceiro e aos riscos que isso implica: “Risco de pegar doença, de engravidar, e às vezes não chega ao ponto de você poder criar, aí tem a questão do aborto e essas coisas que todo mundo concorda” (Mulher, escola pública, Cuiabá);

*Do que eu mais ouvi falar seriam esses roqueiros, uma questão de protesto. Eles começam muito cedo as relações sexuais, esse tipo de coisa, e não existe muito compromisso, 'ah, eu tenho que namorar', 'estou tentando ter uma pessoa só agora', coisas assim. (Mulher, escola particular, Brasília)*

Heilborn e colaboradores (2006) destacam que 38% das meninas de seu estudo informaram ter tido sua primeira relação sexual pelo menos quatro anos depois do primeiro namoro, fato constatado em 23% dos rapazes. Observaram também que é mais prolongada a prática de um namoro sem sexo entre as meninas com trajetórias de ascensão escolar e que há uma associação entre nível de escolaridade, religião e início da vida sexual. Verificaram que os garotos começam sua vida sexual pelo menos dois anos antes das garotas, com 16 anos, e elas com 18 anos. A iniciação dos meninos, que varia entre os 15 e os 17 anos, não mostrou diferenças segundo região, grupo social ou raça/cor. Já para as meninas, os autores encontraram diferenças regionais e em relação às condições sociais: 1) meninas de grupos mais empobrecidos iniciam antes sua vida sexual, assim como meninas de famílias que não professam religião; 2) meninas que estudaram até o ensino básico têm a primeira relação em média aos 16 anos, e as que seguiram o ensino superior, aos 18 ou 19 anos.

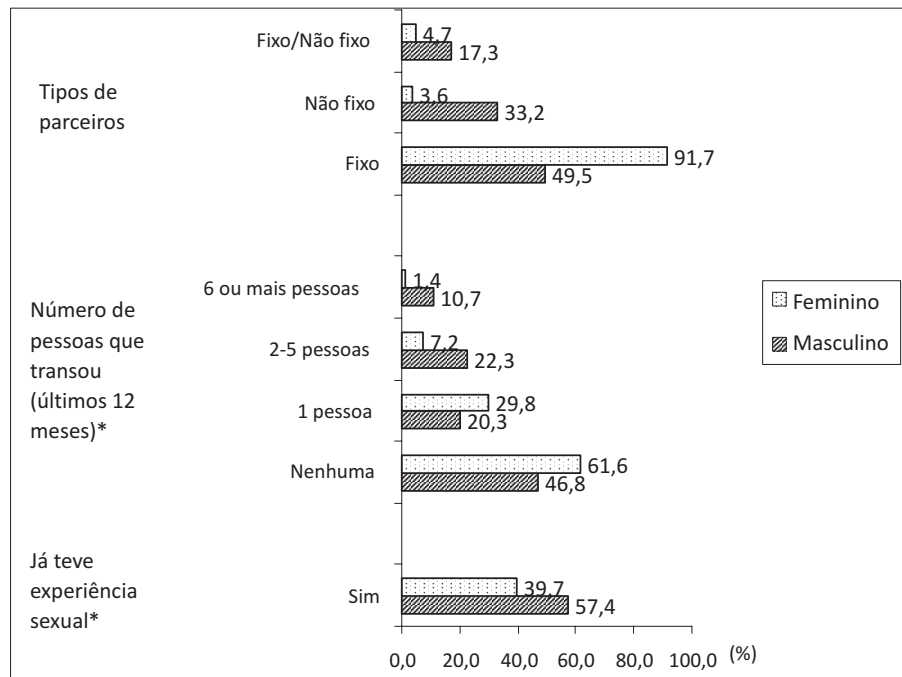
Neste estudo, verificamos que os jovens, em média, já haviam transado com duas pessoas. Constatamos que 26,2% transaram com uma única pessoa; 13% com duas a cinco pessoas; e 4,9% com mais de seis pessoas. Entre os estudantes da rede pública, 19,4% afirmaram ter transado no último ano com mais de duas pessoas em comparação a 13,1% dos jovens da rede particular.

No momento em que foram entrevistados, 72,3% dos estudantes disseram que estavam transando apenas com um parceiro fixo, 17,2% com parceiros não fixos e 10,5% com ambos. Dentre os rapazes e alunos da rede privada ficou muito evidente o maior envolvimento sexual com parceiros fixos e não fixos. A diferença é também marcante entre as meninas no que se refere a parceiros fixos, com estimativas muito superiores às dos rapazes (Gráfico 4). Em Teresina e em Brasília está o mais elevado percentual de jovens com parceiros não fixos.

Segundo Miller e Benson (1999), os jovens que iniciam seu envolvimento amoroso mais cedo e têm mais relacionamentos fixos tendem a desenvolver uma vida sexual precoce e mais ativa nesse período da vida. E à medida que há maior envolvimento emocional com o parceiro, aumentam as experiências sexuais.



Gráfico 4 – Prevalência e detalhamento de experiências sexuais de jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo



\* $p < 0,001$ .

Alguns jovens disseram que se engajam em relações somente sexuais, sem envolvimento amoroso, por vários motivos, dentre os quais o fato de muitos associarem sexo à maturidade e à possibilidade de aparecer e ser reconhecido entre os pares. Isso os torna diferentes em relação aos que namoram e se dedicam a relações românticas. Os meninos tendem a buscar *status* em sua rede social principalmente mantendo relações sexuais com diferentes parceiras e recusando-se a ‘se amarrar’ a uma companheira apenas.

Na pesquisa de Heilborn e colaboradores (2006) com jovens de 18 a 24 anos de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, foi verificado que 13% dos rapazes disseram ter tido relações sexuais sem nunca ter namorado. Essa situação foi apontada por apenas 2% das moças.

A constatação da predominância masculina nas estimativas de relação sexual se deve ao fato de esse tipo de comportamento ser permitido e incentivado entre os rapazes. Aquele que não ‘pega’ leva fama de ‘frouxo’ ou de ‘viado’. É presente a prática de rotular e tachar negativamente garotos que “não aproveitam a oportunidade” de transar com uma garota. Novamente, posturas conservadoras e sexistas emergem das falas das próprias garotas: “Deu mole, tem duas opções: ou pega e fica com fama de fodão, ou não e fica com fama de viado” (Mulher, escola pública, Belo Horizonte).

Cordeiro e colaboradores (2009), com base em uma pesquisa com jovens de 18 a 24 anos de Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro, investigando a coerção sexual entre

parceiros, verificaram que o índice de respostas afirmativas a esse questionamento foi superior a 10%, destacando-se as mulheres e os moradores de Salvador. A principal forma de coerção foi “muita insistência”. Destacam-se, nessa pesquisa, a ocorrência da coerção sexual entre os homens jovens e a discussão dos papéis de gênero envolvidos, dando forma a um ideal de homem e sobre o que se espera dele, como em relação à atividade sexual. As autoras destacam que os homens que se recusaram ao sexo viveram experiências de constrangimento e questionamento de sua virilidade por parte das mulheres e/ou de seus pares.

A insistência excessiva das parceiras, diante da recusa ao sexo, promove um tipo de inversão hierárquica no jogo de sedução e coloca em foco a indiposição dos rapazes para a atividade sexual, causando desconforto em suas identidades de gênero. (Cordeiro *et al.*, 2009: 1.060)

Os meninos confirmam que transar é uma forma comum de relacionamento na juventude, mas que a iniciação sexual nem sempre é fácil, em face das expectativas em relação a suas habilidades:

*Se for uma pessoa que você não tem nada a ver, aí você vai forçando a barra. Agora, uma pessoa de quem você gosta, que você pensa em namorar, você não vai transar?* (Mulher, escola particular, Rio de Janeiro)

Há ainda, por parte dos rapazes, uma acirrada crítica às meninas “que fazem doce”, por atitudes de suposta “pureza”. Outras, por sua vez, são consideradas mais “atacadinhas”, “saidinhas”, “mais soltas”, vistas como liberais nas relações sexuais. Os jovens criticam também as práticas sexuais pouco responsáveis: “Aí no outro dia vêm as consequências, as meninas com uma gravidez indesejada, os meninos com doença” (Homem, escola pública, Brasília).

O uso do sexo como meio para manter relacionamentos é citado pelas meninas: “Aí transar só para ficar com o cara, por medo de perder” (Mulher, escola particular, Cuiabá). Contudo, quando se relacionam com vários parceiros e praticam sexo casual, as meninas são rotuladas de ‘cachorras’. Na região Centro-Oeste foi mais marcante a ideia da menina “dada” e “gostosa”, em contraposição à “feia”, o que também ocorre em relação aos meninos. Tais denominações parecem determinar os tipos de relacionamentos: se elas acham que os rapazes “só pensam em sexo”, são as meninas “dadas” que os seduzem: “Tem aquela menininha que é do tipo popular e todo mundo quer pegar, que é a gostosa, todo mundo chama de gostosa, o elogio deles é gostosa” (Mulher, escola pública, Brasília).

No que diz respeito à diferença entre papéis de gênero, quando a transa casual aparece na fala das garotas é justificada em razão do investimento amoroso na relação com uma ‘pessoa especial’.

Similarmente à prática do ‘ficar’, as meninas acreditam que são os meninos que “vão em cima da garota”, demonstrando que há ainda a ideia de que o homem está

mais inclinado a buscar o sexo na relação. Ressaltam, contudo, que elas também estão pensando em sexo e o praticando, desejando igualdade de poder na relação, o que é criticado pelos rapazes:

*As meninas querem tomar o posto dos homens, elas querem ser iguais. Sempre teve esse negócio de machismo, de inferioridade feminina. Acho que hoje elas querem ser no mesmo nível. (Homem, escola particular, Belo Horizonte)*

*Aí as mulheres estão se sentindo acuadas, aí começa a dar em cima. Só que isso acontece e muitos homens não gostam, fica aquele jogo de empurra-empurra. Ah, eu não quero ela não porque ela deu em cima de mim e, quem sabe, se deu em cima de mim, deu em cima de todo mundo. (Homem, escola pública, Recife)*

Observamos que os discursos dos jovens são, em sua maioria, conservadores e moralizantes em relação aos papéis de gênero e ao comportamento sexual feminino: “Hoje em dia as meninas não estão se valorizando como antes” (Mulher, escola particular, Rio de Janeiro). Também aqui observamos existir uma conotação de disputa de gênero, quando o comportamento sexual das garotas é equiparado ao do rapaz: “Hoje em dia está se comparando com os homens para ver quem varre mais” (Mulher, escola pública, Recife).

Bastante citada por garotos e garotas, a expressão “prova de amor” é utilizada pelos jovens para se referirem à estratégia de convencimento da garota para que aceite ter relações sexuais com o namorado, sobretudo quando a virgindade dela está em jogo.

O depoimento a seguir demonstra essa estratégia e destaca que sucumbir a ela pode ser danoso para a menina:

*Eu acho isso errado porque não é assim que é, a prova de amor é o sexo, não tem outros meios de: ‘Ah, eu te amo.’ Tem como mostrar com outros meios. Tem alguns meninos também que fingem estar gostando de você, te dão o maior carinho, falam coisas bonitas só para fazer sexo, depois dão um chute na bunda da menina. O objetivo dele era fazer sexo e não está nem aí para ela. (Mulher, escola pública, Porto Velho)*

A pressão para fazer sexo, por parte de alguns meninos, também incomoda muitas garotas que consideram isso uma expressão de machismo:

*A maioria dos meninos sempre faz assim. Para mim, devia estar só no namoro e num namoro bem sério. Porque eu acho que sexo é uma coisa mais íntima, acho que não devia ser jogado com qualquer um. (Mulher, escola pública, Cuiabá)*

Podemos afirmar que os amigos e o grupo social que cerca o jovem influenciam muito seu comportamento sexual (Miller & Benson, 1999; Haynie, 2002). Muitos relatam a pressão do grupo, em especial os meninos, direcionada a obter relações sexuais e ao desvirginamento da menina. No entanto, entre grupos de amigos religiosos, que compartilham o mesmo credo, há o apoio à abstenção das relações sexuais, uma vez que estas devem ocorrer após o casamento. Já nas falas das meninas aparece, em relação ao grupo, não uma ‘pressão’ pela relação sexual, mas um compartilhamento de experiências.

A força dos laços estabelecidos no grupo determina o poder de influência, os valores e os comportamentos. Os jovens que despendem grande parte de seu tempo com amigos podem estar mais propensos a influenciarem e a serem influenciados. Além disso, oportunidades se criam também nesse ambiente. A violação de uma regra do grupo ou o questionamento de sua identidade pode colocar em risco o pertencimento do jovem, o que é altamente ameaçador para ele.

Maffesoli (2006) chama a atenção para a paixão pela semelhança, ou seja, a identificação do jovem com o grupo de iguais ou com determinadas 'tribos', o que parece amenizar a insegurança causada por esse momento de transição para a vida adulta. Nesse sentido, o adolescente de hoje vive relações cada vez mais próximas de uma "alma coletiva".

Uma moradora do Sul do país ressalta a marca de alguns grupos: "Os emos, normalmente, são mais sentimentais. Os manos seriam uma definição de mais heteros e machos, que não abraçam" (Mulher, escola particular, Porto Alegre).

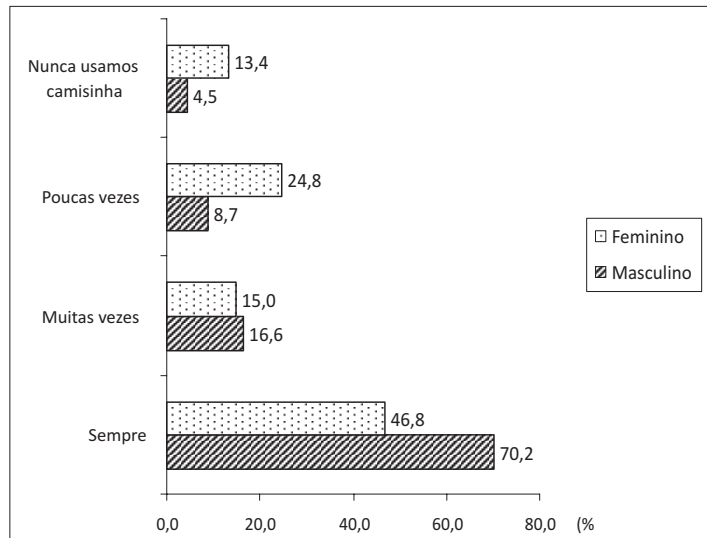
Nos grupos exemplificados, a roupa e o comportamento são símbolos que auxiliam na identificação: "Usa roupa mais apertadinha, é emo. Usa roupa larga, é mano" (Mulher, escola particular, Porto Alegre).

No que diz respeito ao 'uso de camisinha', verificamos que 57,4% dos jovens que já transaram afirmaram que sempre usam camisinha; 15,7% afirmaram usar muitas vezes; 17,6% poucas vezes e 9,4% nunca usaram. Os meninos dizem com maior frequência usar preservativo do que as meninas (Gráfico 5). Calazans (2005) também verifica uso maior de preservativo entre os rapazes (71% e 44% nas moças) e constata que os jovens de 15 a 17 anos (71%) o utilizam mais do que os de 21 a 24 anos (53%). Assim, ressaltamos marcas diferenciadas por questões de gênero na capacidade de negociação entre os homens e as mulheres: usar preservativo parece ser ainda hoje uma atribuição de responsabilidade masculina.

Contudo, Heilborn e colaboradores (2006) ressaltam que, mesmo entre os rapazes, é grande a resistência a conversas sobre preservativos antes da primeira relação. Talvez esse fato se deva à arraigada crença de que cabe à menina se precaver contra uma gravidez indesejada, além da própria vigência do tabu do sexo que leva à falta de diálogo. Esses autores verificam que o *status* do 'ficante' ou do 'namorado' está associado ao uso de preservativo: 61% dos meninos e meninas dizem ter conversado sobre o assunto com seu namorado ou namorada, percentual bastante inferior encontrado entre os 'ficantes' (26% dos meninos e 43% das meninas). Para as meninas, 'conversar com a mãe' mostrou estar positivamente associado ao diálogo com o parceiro sobre o tema, o que, por sua vez, está relacionado ao uso de preservativo entre as garotas.

Setenta e dois por cento dos entrevistados que contribuíram na pesquisa aqui apresentada afirmam só transar usando camisinha, 57% só usam camisinha quando transam com pessoas que não conhecem e 12,1% dizem não se preocupar em usar porque acreditam não ser fácil pegar doenças. Na pesquisa realizada por Calazans (2005), o afeto, a confiança, a fidelidade e a estabilidade da relação são justificativas usadas pelos jovens para o não uso de preservativo.

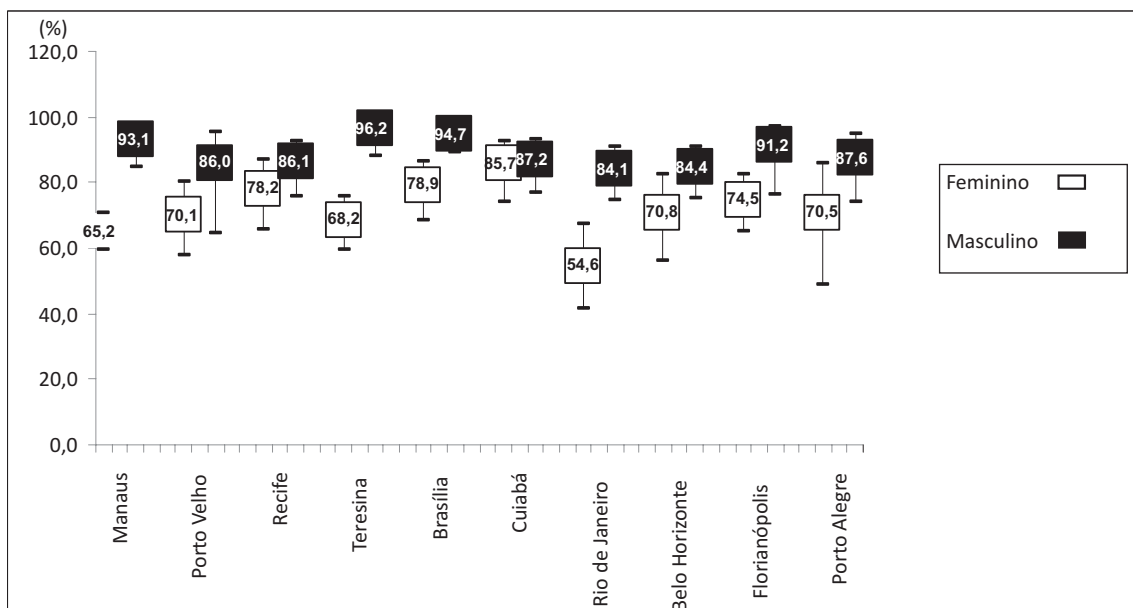
Gráfico 5 – Prevalência de uso de camisinha por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo\*



\*p < 0,001

O Gráfico 6 traz informações sobre o uso de camisinha por meninos e meninas nas distintas localidades estudadas. Dentre as capitais, os rapazes de Teresina e Brasília se destacam, enquanto são as moças de Cuiabá que mais afirmam usar preservativo. Jovens cariocas prevalecem dentre aqueles que só usam camisinha com pessoas que não conhecem e, em Cuiabá, há mais afirmações dos entrevistados de sempre usar preservativo.

Gráfico 6 – Prevalência do uso de preservativo por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo

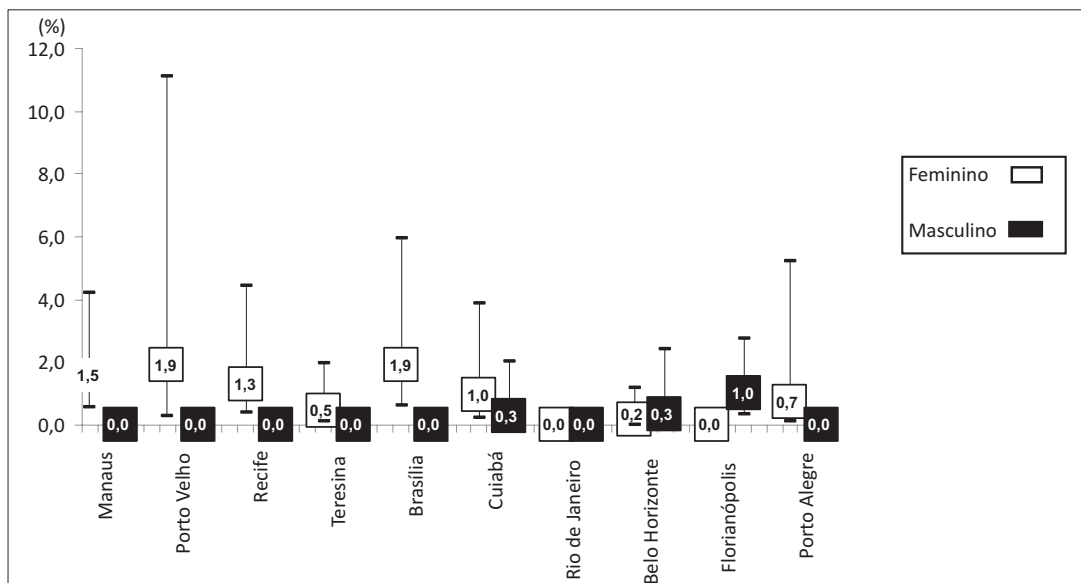


Os alunos da rede privada relatam maior uso de camisinha do que os da rede pública, que assim denotaram comportamento sexual de maior risco, sendo mais prevalentes o de transar com camisinha apenas com jovens desconhecidas e o de não usar preservativo. Calazans (2005) encontrou mais elevado nível de escolaridade e de renda familiar relacionados ao maior uso de preservativo. Estudo com enfoque nacional realizado em 2005 observou que o uso do preservativo se diferenciou por sexo, idade, escolaridade e região. Homens utilizaram mais preservativo (81,6%) que mulheres (66%), os jovens (16 a 24 anos) sendo os que mais o utilizam (92%). Em termos regionais, Centro-Oeste/Sudeste apresentaram a menor proporção (64,0%) de uso do preservativo (Berquó *et al.*, 2008).

Pouquíssimos jovens entrevistados revelam ter tido 'doenças sexualmente transmissíveis' (0,3%, o que equivale a 445 entrevistados), sendo mais comum entre as meninas e nas capitais Porto Velho, Brasília e Manaus (Gráfico 7). Não há distinção quanto à natureza da instituição de ensino.

Babo e Jablonski (2002) ressaltam que, devido à idealização dos encontros e das relações amorosas, muitos jovens não fazem uso de preservativos, o que pode aumentar a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis.

Gráfico 7 – Prevalência de doenças sexualmente transmissíveis em jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo

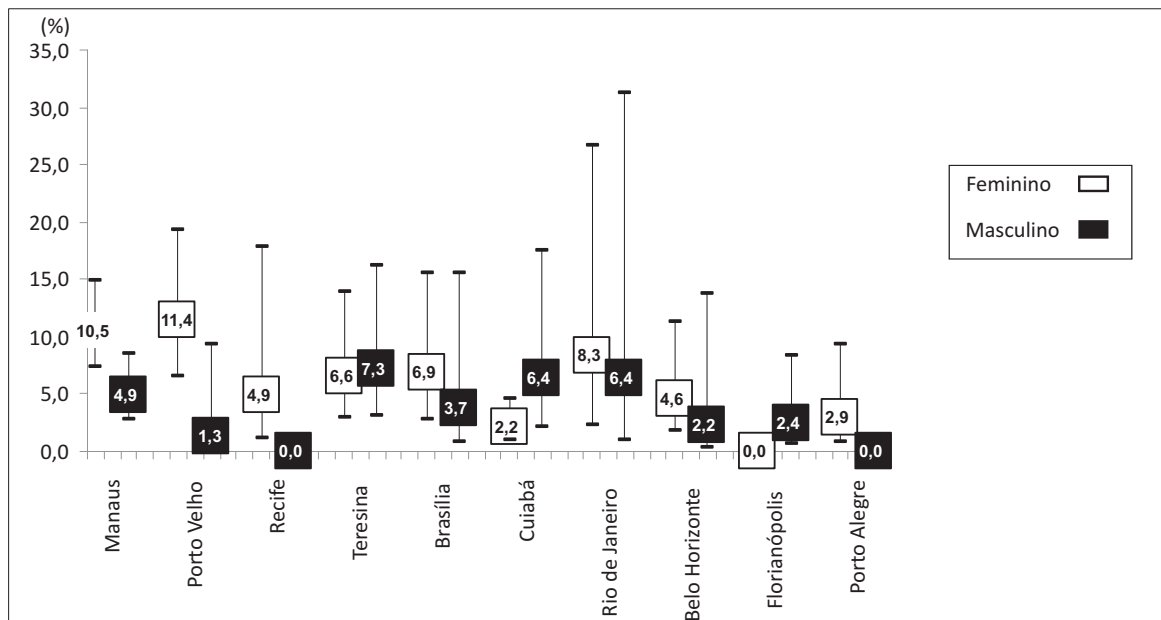


Quanto à 'gravidez', 5,6% dos jovens de ambos os sexos dizem que uma vez na vida já engravidaram ou que sua namorada já engravidou. Em especial 0,5% das meninas – o que equivale a 392 das entrevistadas – tiveram essa experiência mais de uma vez. É importante ressaltar que, em geral, o relato de gravidez pode não revelar a real situação existente, mas apenas a maior responsabilização do sexo feminino nas consequências das relações sexuais. Manaus é a capital com mais ocorrência de gravidez de estudantes

(8,1%), vindo a seguir Teresina (7,3%), Porto Velho (6,6%) e Rio de Janeiro (6,5%). As alunas da rede pública (6,1%) sobressaem em relação às da rede privada (3,7%). O Gráfico 8 apresenta a ocorrência da gravidez entre as meninas que participaram da pesquisa; dentre os rapazes, foi avaliada a gravidez nas namoradas nas dez capitais estudadas.

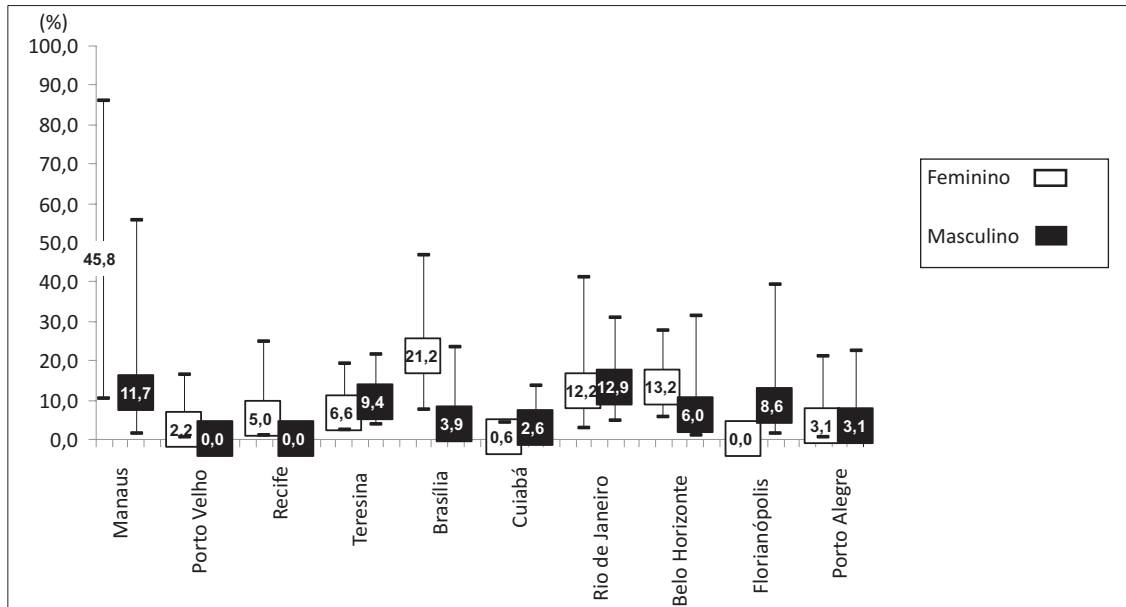
Observamos que, no ‘ficar’, o uso de contraceptivos não é uma prática comum: “Não usa e nem toma anticoncepcional e nem faz nada” (Mulher, escola pública, Florianópolis).

Gráfico 8 – Prevalência de gravidez reportada por jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo



Das jovens que mencionam a ocorrência de gravidez, 9,2% fizeram ‘aborto’ uma vez na vida e 1,2% mais de uma vez. O maior número de abortos (33,7%) ocorreu em Manaus, que foi a capital com maior índice de gravidez entre jovens. Abortos ocorridos apenas uma vez prevalecem entre jovens do ensino público, com semelhança de percentual em ambas as redes de ensino quando acontece mais de uma vez. O Gráfico 9 apresenta a ocorrência do aborto segundo o sexo dos jovens nas dez capitais estudadas, ou seja, no caso das meninas e das companheiras dos jovens estudantes. Também aqui, a maior frequência de aborto entre meninas pode ser explicada pela implicação delas na situação.

Gráfico 9 – Prevalência de aborto em jovens (15-19 anos) de dez capitais brasileiras, segundo o sexo



Em relação a ter ‘filhos’, 0,4% das meninas e 2,1% dos meninos participantes deste estudo são pais. Os jovens das capitais da região Norte sobressaem, enquanto nenhum da região Sul mencionou ter filho.

No Sudeste, uma menina de Belo Horizonte, estudante de escola pública, relatou a ocorrência de gravidez, aborto e situações de violência com o parceiro. Conta que utilizava camisinha apenas no início do namoro: “No começo eu me preocupava, depois comecei a tomar alguns remédios e tal, mas eu tomava meio errado, aí eu deixei de me preocupar. Foi aí que eu engravidei.” Sua gravidez foi escondida da família, porém começou a gerar desconfiança em casa e na escola em razão de mudanças físicas e comportamentais. Segundo a menina, a mãe de seu namorado mandou tomar um ‘remédio de vermes’ e, em seguida, ela abortou, com quatro meses de gravidez. A estudante informou que, na ocasião, estava brigada com o namorado, sua sogra não gostava dela e já haviam travado discussões. A menina desconfiava que o remédio mandado pela sogra fosse abortivo. Percebemos nesse relato numerosas falhas no manejo da contracepção, demonstrando um hiato entre as informações transmitidas e o próprio exercício da sexualidade.

## EXPERIÊNCIAS HOMO E BISSEXUAIS DOS JOVENS

Existem poucos estudos sobre relacionamentos homo e bissexuais na juventude, o que pode levar a uma conclusão *a priori* de sua heterossexualidade. O silêncio do tema na literatura e entre os próprios jovens reflete ainda a restrita liberdade para a procura

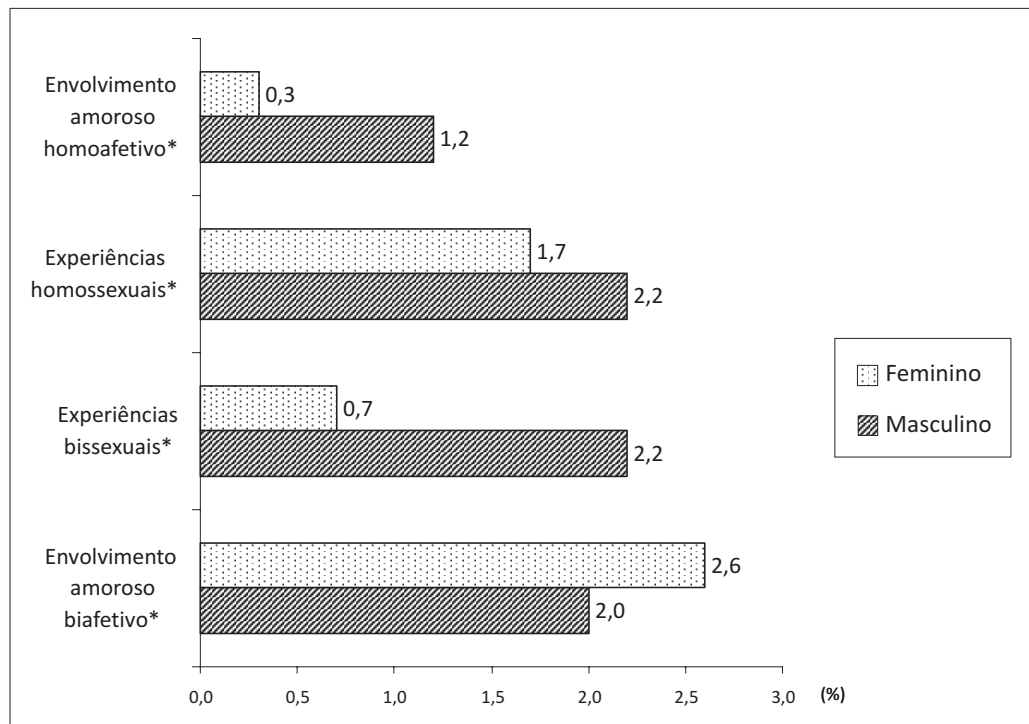


de parceiros e para a livre expressão de sentimentos. Adolescentes e jovens, independentemente de sua orientação sexual, buscam segurança e afeto nas relações amorosas.

Na pesquisa, indagamos sobre experiências sexuais e envolvimento afetivo (namoro ou 'ficar' sem relação sexual) vivenciadas de forma homossexual e bissexual. Constatamos que as experiências homossexuais e bissexuais foram mais relatadas pelo grupo masculino. Tendência similar ocorre para o envolvimento amoroso homoafetivo; dentre as meninas, prevalece o envolvimento amoroso com ambos os sexos (Gráfico 10).

Dentre as experiências bissexuais sem contato sexual, os jovens de Brasília se destacam (6,1% dos jovens), seguidos pelos de Cuiabá (2,9%) e os de Manaus (2,8%). Quando há relação sexual propriamente dita, os jovens de Teresina, Porto Velho e Belo Horizonte são os que predominam (em torno de 2% a 3%). Nas capitais do Sul do país e em Recife, essa experiência foi pouco relatada.

Gráfico 10 – Prevalência de experiências homo e bissexuais entre jovens (15-19 anos) das dez capitais brasileiras, segundo o sexo



\* $p < 0,001$ .

Coadunando com o resultado deste estudo, uma pesquisa realizada por Heilborn e colaboradores (2006) indica que 3,3% dos jovens afirmam ter tido relações homobissexuais. Esses autores verificaram também baixo percentual de iniciação sexual com pessoa do mesmo sexo, o que é corroborado por esta investigação.

Calazans (2005) encontrou percentual maior de rapazes que referiram práticas homossexuais, assim como bissexuais: 3% e 1%, respectivamente. Já entre as meninas, destaca a pesquisadora, os valores registrados mostram um desencontro entre sua prática sexual e o desejo de estar com meninos ou meninas: entre as jovens de 15 a 17 anos, 97% declaram ter relações heterossexuais; contudo, 92% (ou seja, um percentual menor) referem as relações hetero quando indagadas: “com quem você gostaria de tê-las, caso pudesse decidir livremente?” A autora relaciona um possível desinteresse pelo sexo oposto a experiências de violência sexual, com base em dados também pesquisados com os mesmos respondentes.

Para os jovens que se engajam em relações homossexuais ou bissexuais, o ‘ficar’ pode servir também como experimentação e confirmação da opção sexual. Por serem menos públicas, as relações do ‘ficar’ geram menos suspeitas de amigos e familiares e também minimizam possíveis rejeições, assédios e mesmo violências, até que o jovem esteja mais seguro quanto a sua orientação sexual (Diamond, Savin-Williams & Dubé, 1999). Há ainda o uso de uma pretensa sexualidade como estratégia de conquista. Algumas meninas contam que certos garotos fingem ser homossexuais para se aproximarem.

Apesar de muitos jovens dizerem ter amigos *gays*, ‘adorar *gays*’ e achar ‘os *gays* muito bons’ e ser ‘normal’ (Meninas, escola particular, Belo Horizonte), nas falas da maior parte deles ressalta-se o preconceito – “ai, que nojo!” (Menina, escola particular, Belo Horizonte) – que existe por parte dos rapazes e das moças: “Eu acho isso errado. Não vou dizer que não rola um preconceito. Não é nem um preconceito, exatamente, porque realmente é estranho” (Mulher, escola pública, Teresina).

Segundo Heilborn e colaboradores (2006), as mulheres jovens tendem a ter mais tolerância à homossexualidade masculina ou feminina do que os rapazes, principalmente os que ainda não iniciaram sua vida sexual.

Reconhecer que há, na sociedade contemporânea, grandes mudanças em relação aos relacionamentos afetivo-sexuais e ao próprio exercício da sexualidade não implica dizer que as diferenças historicamente construídas de gênero e os papéis masculinos e femininos tenham sido totalmente reformulados. Da mesma forma, a sexualidade não se tornou “livre de quaisquer amarras” e preconceitos; “ela está sempre condicionada por constrangimentos e marcações sociais e culturais” (Heilborn *et al.*, 2006: 361). As práticas sexuais têm sido cada vez mais alvos de discussão e preocupação, principalmente a partir da epidemia de HIV/Aids e da circulação de outras doenças sexualmente transmissíveis.

Há, no campo dos movimentos sociais e de luta pelos direitos humanos, principalmente a partir dos anos 70, o aumento de ações em prol dos direitos sexuais, em especial de luta contra a homofobia, motivando inclusive propostas de leis que tornem crime essa prática. Tais movimentos vêm dando visibilidade à discriminação sofrida por pessoas com práticas sexuais diversas e à defesa pelos direitos da população GLBT (*gays*, lésbicas, bissexuais e transgêneros). Tal discussão é retomada no Capítulo 5, que versa sobre a invisibilidade das relações homossexuais entre adolescentes.

Nas relações com os pares, os jovens que expressam sua homossexualidade podem sofrer preconceitos, rejeição dos colegas e violências, sentindo que não existe liberdade para se expressarem. Em resposta à situação culturalmente repressiva, muitos se calam, buscam espaços mais restritos para se relacionar ou se envolvem com parceiros somente na vida adulta. O sentimento de não aceitação impede, frequentemente, que os jovens procurem pessoas para falar de seus relacionamentos ou para pedir ajuda.

Em contraposição aos que se retraem, há jovens que se envolvem em relações amorosas com pessoas tanto do mesmo sexo quanto do sexo oposto (D'Augelli, 1991; Herdt & Boxer, 1993; Savin-Williams *apud* Diamond, Savin-Williams & Dubé, 1999). Assim, agem em função de uma real atração sexual, do esforço para despertar tal atração ou como meio de confirmar sua orientação.

Em resumo, a maioria das opiniões dos jovens sobre a homossexualidade e a bissexualidade pode ser vista como apologia à heterossexualidade. Subjacente às opiniões a respeito das escolhas dos parceiros afetivo-sexuais, observamos o predomínio da heteronormatividade. Essa norma rege a socialização de homens e mulheres que, desde cedo, são levados a aprender que a sexualidade deve ocorrer na relação entre gêneros opostos. Nesse sentido, é de acordo com a adoção desse modelo ideal que cada um dos gêneros consegue ter a sua sexualidade masculina ou feminina reconhecida pela sociedade (Gomes, 2008a).

Em uma perspectiva cultural, a heterossexualidade pode ser entendida como cópia de um modelo ideal que deve ser repetido para se estabelecer uma ilusão de uniformidade nas identidades sexuais para cada gênero. Isso, em parte, pode explicar o fato de os homens constantemente terem que afirmar e até mesmo provar que a sua orientação sexual é exclusivamente dirigida para mulheres. Nesse sentido, pouco espaço resta para se incluírem as discussões sobre orientações que não sejam exclusivamente heterossexuais (Gomes, 2008a). Assim, homossexualidade e bissexualidade podem ser associadas à doença ou ao que não é normal. No entanto, ainda que pese o predomínio da heteronormatividade, há discursos contra-hegemônicos que defendem o homoerotismo ou a não exclusividade do heteroerotismo. Há também a possibilidade de a heteronormatividade ser flexibilizada ante o homoerotismo vivido na esfera da intimidade.

## ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO: O QUE CHAMA A ATENÇÃO DOS JOVENS?

A escolha do parceiro amoroso é muito influenciada pela cultura e por noções construídas socialmente sobre quem é e quem não é atrativo, quem serve ou não serve como parceiro. Alguns estudos indicam que, conforme crescem em idade, os jovens tendem a basear mais suas relações em sentimentos mútuos e menos na aparência do outro (Galloti, Kozberg & Appleman *apud* Miller & Benson, 1999).

No entanto, é preciso ressaltar que a influência dos amigos na escolha de parceiros íntimos, assim como em outros aspectos, é muito grande nessa fase da vida, sendo eles,

portanto, agentes importantes de socialização. Não mais restritos à família, os amigos são muitas vezes escolhidos como conselheiros. A proximidade entre as idades e a vivência de experiências semelhantes também ajudam a criar a imagem do amigo como quem melhor entende o que o outro está vivendo e sentindo e de quem pode, por isso, ajudar.

Os jovens descrevem os critérios de escolha da pessoa com quem se quer ter uma relação amorosa: ser bonito, ter personalidade e “ser uma pessoa que pelo menos dê para conversar” (Homem, escola particular, Rio de Janeiro). Quando existe a transição do ‘ficante’ para o namorado, outros critérios são acrescentados: ser carinhoso, respeitador, dar valor, ser educado e, principalmente, “gostar”: “Não adianta nada ter todas essas características e não gostar de você!” (Mulher, escola pública, Rio de Janeiro).

Os jovens ressaltam também que nem sempre a beleza é o principal:

*Os meninos bonitos são muito criança, não conversam, só querem saber de sexo, e os outros mais feios, não é por questão de ser feio, mas parece que eles têm mais papo, mais conversa, mais cabeça e têm mais respeito. (Mulher, escola pública, Cuiabá)*

A diferença de idade também pode ser um atrativo, sobretudo para algumas meninas. Nesse caso, essa diferença carrega consigo atributos qualitativos que alçam os rapazes mais velhos a um patamar de maior crédito, provocando mais interesse das meninas.

*A maioria dos rapazes da minha idade são crianças, são inexperientes, estão procurando mulheres mais velhas também para ter experiência, que não sei o quê, é mais gostosa. Então a opinião que eu tenho é essa porque a cabeça deles... eu acho que eles demoram mais para amadurecer. A mulher está lá na frente, eles estão aqui. Então eu busco alguém mais velho por causa disso. (Mulher, escola pública, Porto Alegre)*

## A INTERNET COMO MEIO PARA SE RELACIONAR AMOROSAMENTE

Um importante meio de relacionamento afetivo dos jovens é a Internet, vista como espaço mais livre e de maior comunicação para organização de encontros, para ‘ficar’ e para estabelecer relacionamentos. Ela amplia a possibilidade de experimentação das relações entre os jovens e pode servir de meio para conhecer melhor o parceiro, se aproximar, travar uma amizade, podendo esse tipo de comunicação transformar um relacionamento em algo mais duradouro: “É mais um contato para depois você conhecer ele melhor e saber se vai ter alguma coisa mais para frente, até um namoro” (Mulher, escola particular, Porto Velho).

Sites de relacionamentos como o Orkut são ressaltados pelos jovens:

*Mas qual relacionamento? O Orkut tem relacionamento de amizade e também, quem sabe, se você conhece a pessoa já fica mais aproximada. Eu conheci várias pessoas assim, amigos mesmo. (Mulher, escola particular, Porto Velho)*

*Geralmente é mais pelo MSN, porque dentro do colégio mesmo é muito pouco devido às regras que tem. Fora do colégio, pode até encontrar, não é? Mas é mais no ficar mesmo, porque fica aquela relação entre aluno, aí todo mundo fala. (Mulher, escola particular, Cuiabá)*

*Meninas do colégio, você não fala muito com ela, você vai no Orkut, e já aprendi o MSN, fica conversando com ela, aí depois é só chegar no colégio e tentar pegar. (Homem, escola particular, Brasília)*

*Eu a conheci no Orkut. Um rapaz veio e me ensinou, a gente começou a conversar e foi assim do gosto, gostando da pessoa e eu conheci minha namorada. Ela gosta das mesmas coisas que eu gostava, músicas, essas coisas, muitas coisas em comum. Aí a gente começou a namorar. (Homem, escola pública, Brasília)*

*Eu acho que através da Internet também, do Orkut. As pessoas se conhecem, batem papo, aí trocam uma ideia, trocam fotos. Aí eles combinam lugares para se conhecerem fisicamente. (Homem, escola pública, Teresina)*

Bauman (2004) ressalta que a realização mais importante da proximidade virtual é a separação entre comunicação e relacionamento. O autor diz que estar conectado é menos custoso do que estar engajado, da mesma forma que também é menos produtivo em termos da construção e da manutenção de vínculos:

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves (...) para poderem condensar-se em laços (Bauman, 2004: 82)

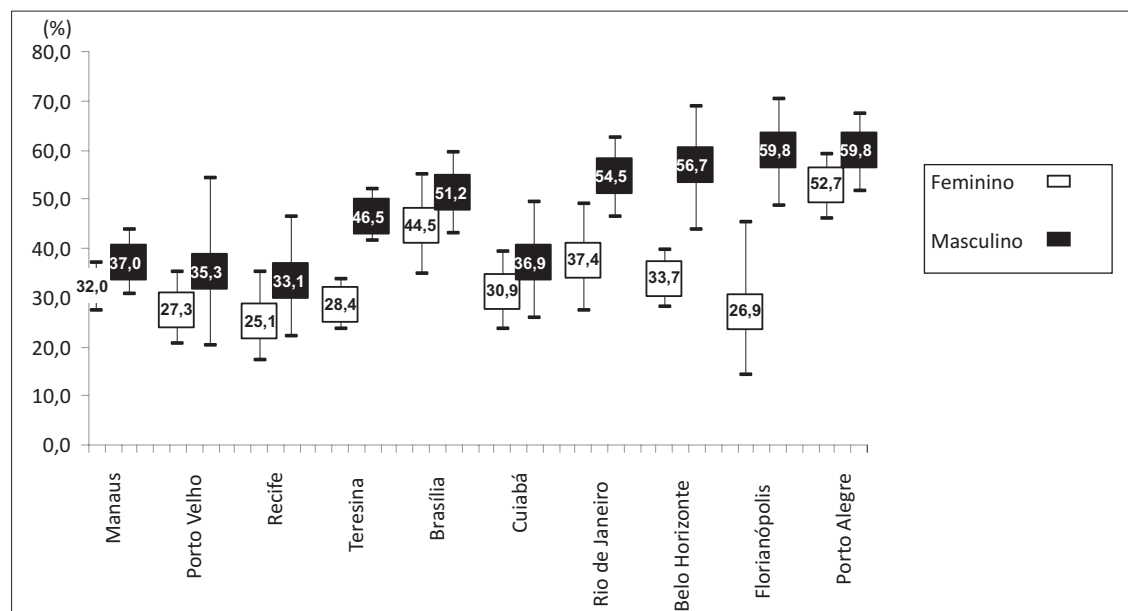
Terminar quando se deseje – instantaneamente, sem confusão, sem avaliação de perdas e sem remorsos – é a principal vantagem do namoro pela Internet. Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis. É o namoro pela Internet, ao contrário da incômoda negociação de compromissos mútuos, se ajusta perfeitamente (ou quase) aos novos padrões de escolha racional. (Bauman, 2004: 85)

Percebemos também nas falas dos jovens a existência de sentimentos de ciúme entre o casal em relação às conexões estabelecidas pelo parceiro ou pela parceira nesse espaço. Da mesma forma, veremos, no capítulo a seguir, a utilização das conexões virtuais como forma de controle sobre o outro e de violência.

## USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Constatamos que 41% dos jovens das capitais estudadas já usaram pelo menos uma das seguintes substâncias: álcool até se embriagar, maconha ou cocaína. Esse uso foi bem mais relatado pelos meninos e por estudantes da rede privada de ensino (45,5% contra 39,7% dos jovens da rede pública). Os jovens de Porto Alegre, Florianópolis, Belo Horizonte, Brasília e Rio de Janeiro estão no topo desse *ranking*, em contraposição a Recife e Porto Velho (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Prevalência do uso de drogas entre jovens (15-19 anos) das dez capitais brasileiras, segundo o sexo



As bebidas alcoólicas são de longe as mais experimentadas e usadas, em especial nas falas dos meninos, sendo utilizadas principalmente por diversão ou para esquecer problemas ou relacionamentos amorosos. A cerveja é a bebida mais consumida, com uso frequente em fins de semana, entre grupos de amigos e em festas. O maior consumo de álcool é associado à crença equivocada de que não é droga e ao fato de ser lícita (apesar de ilícita para a maior parte da faixa etária estudada neste livro). Observamos que 14,8% dos meninos e 8,2% das meninas tomam muitas vezes alguma bebida alcoólica até se embriagarem ou se sentirem bêbados.

Alguns meninos discorrem sobre o uso exagerado de bebida alcoólica em festas, nas quais “perde-se até a noção do que se está fazendo”. A influência de amigos tem peso nessa prática, sobretudo para que o jovem tenha coragem de cometer uma traição ou de experimentar outra droga oferecida: “Influencia. Acaba influenciando. A gente acabou influenciando ele a beber para trair a ex-namorada” (Homem, escola particular, Cuiabá); “Ah, mas também ele estava bêbado, então a culpa não foi totalmente nossa, foi do álcool” (Menino, escola particular, Cuiabá); “Tem sempre um no bonde, tipo que chega com um copo de cerveja, ‘vai’, chega com um cigarrinho de maconha, ‘fuma, cara, é bom!’” (Menina, escola pública, Rio de Janeiro).

O uso do álcool está, muitas vezes, relacionado ao aumento da coragem para a paquera e pode se associar à ocorrência de violência entre os jovens:

*Não só os garotos, as garotas começam a encher a cara, não tem consequência de quando parar. Por que parar? Eles não estão nem aí, saem muitas vezes passando mal, apanhando na rua, sendo*

*roubado. Eu já vi muitos casos de amigos meus que beberam, encheram a cara, que são modernões, carteira cheia de dinheiro, tênis Nike, acordaram quase pelados na rua. Por quê? Porque foram beber, encher a cara, coisa assim sem nexco. Eu bebia, já parei, não bebo mais, já passei por um vexame. (Menino, escola pública, Rio de Janeiro)*

Em relação ao uso ‘frequente’ de outras substâncias, verificamos pequenas proporções nas estimativas: 2,9% usaram tranquilizante ou calmante; 2,4%, remédio para emagrecer; 2,2% afirmam usar maconha muitas vezes; 1,5%, cocaína, *crack* e *ecstasy*; e 1,4%, anabolizante.

Pesquisa conduzida por Galduróz, Noto e Carlini (1997) com escolares de dez capitais brasileiras mostra que 69,9% deles já usaram bebida alcoólica alguma vez na vida, ao passo que a prevalência de uso de maconha é de 4,6% e de cocaína, 1,1%.

O uso da maconha e de tranquilizante ou calmante é mais relatado por estudantes das escolas privadas, enquanto o consumo de cocaína, *crack*, *ecstasy*, remédio para emagrecer e anabolizante, pelos das escolas públicas. Em estudo com jovens cariocas, observamos maiores estimativas do uso de drogas, em especial da maconha, entre os de classe média, com exceção do *ecstasy* (Minayo *et al.*, 1999). Esse fato pode estar diretamente relacionado à inserção social e ao poder de compra dos jovens.

Alguns estudantes entrevistados destacaram que o uso de drogas pode levar a comportamentos sexuais pouco responsáveis:

*E também tem muita gente que sai assim vai pra festinha, fica bêbada e usa drogas assim e acaba fazendo sexo numa festa assim da bem louca mesmo. E no dia seguinte eu perguntei para meu amigo: sabe o que você estava fazendo? Não. Nem lembro o que eu estava fazendo. (Menino, escola particular, Florianópolis)*

As opiniões dos jovens sobre o uso do álcool e de outras drogas podem ser problematizadas segundo uma abordagem sociocultural. Quanto ao uso do álcool, constatamos que a bebida não é algo apenas material, mas se constitui como símbolo adequado à criação de um laço social. Especificamente no período da juventude o consumo de bebidas alcoólicas – além da possibilidade de ser reconhecido como agente socializador – pode ser interpretado como uma forma de rompimento com o mundo infantil (Souza *et al.*, 2010). Já no que diz respeito ao uso de outras drogas, destacamos que a discussão ainda precisa avançar mais. Na sociedade, esse tema é atravessado por diferentes interesses e elevado teor emocional, dificultando “uma reflexão mais balizada cientificamente, capaz de diferenciar os vários contextos de uso e o real prejuízo que cada uma [das drogas] possa produzir no organismo, no psiquismo e na vida social” (Minayo *et al.*, 1999: 75).

\*\*\*

Resumimos e destacamos as principais ideias relacionadas neste capítulo a respeito das relações afetivo-sexuais dos jovens brasileiros, representados pelo conjunto de estudantes de escolas públicas e particulares entrevistados em dez capitais brasileiras:

- Preferência do 'ficar' e de formas de relacionamento mais fluidas que o 'namorar'. O 'ficar' é marcado por descompromisso nas relações afetivo-sexuais e por um sentimento de diversão.
- O 'namoro' é marcado por compromisso, respeito, responsabilidade, confiança, fidelidade e cultivo de sentimentos mais profundos.
- A desconfiança, o ciúme e a traição estão muito relacionados ao processo de construção do 'namoro'.
- Por um lado, existe uma transição entre as formas de se relacionar que vai da total ausência de compromisso até o namoro, noivado e casamento; por outro, há confusão entre os limites dessas práticas.
- O sexo fora do 'namoro' é visto por muitos de forma negativa; os meninos fazem uso de estratégias para transar com sua parceira, como pedir uma prova de amor ou mesmo namorar.
- Há uma representação do menino que fica com várias meninas como 'ganhão' e da menina que fica com vários garotos como 'galinha'.
- Permanece uma demarcação de papéis socialmente construídos para os sexos, recaindo uma forte estigmatização sobre as garotas que extrapolam as normas sociais de gênero.
- Para os meninos, a ênfase no relacionamento afetivo-sexual tende a ser a relação sexual e, para as garotas, a romantização.
- O uso de ferramentas da Internet, como *sites* de relacionamento (Orkut) ou de troca de mensagens (MSN), funciona hoje como importante forma de relacionamentos afetivo-sexuais entre jovens.

Por todos os aspectos apresentados neste capítulo, observamos que os jovens de hoje, ao mesmo tempo que recriam novas formas e novos meios de se relacionar, em que o 'ficar' e a Internet são o novo, repetem e reproduzem alguns modelos relacionais tradicionais e conservadores, expressos em suas falas e no trato com o parceiro ou a parceira.

Em outras palavras, os depoimentos dos jovens neste estudo tanto se aproximam da ideia de que as relações amorosas contemporâneas são mais provisórias, temporárias e contingentes (Soares, 2007) como também recuperam padrões afetivo-sexuais considerados tradicionais, retomando a ideia de uma cultura que se mantém ao longo do tempo. Os depoimentos servem também para atestar uma não linearidade temporal entre amor-paixão, amor-romântico e amor-confluyente, tipologias desenvolvidas por Giddens (1994). Assim, o estudo aponta para a coexistência de distintos ou até mesmo contraditórios padrões afetivos entre os jovens participantes da pesquisa. Percebemos que diversos papéis de gênero historicamente construídos são reafirmados, mas que há



também espaço para certos questionamentos, mesmo que demonstrados por poucos estudantes, no universo da pesquisa que compõe este livro.

Tanto as opiniões dos rapazes como as das moças, em um primeiro plano, revelam a presença de marcas identitárias do modelo hegemônico de masculinidade, em que se concebe o homem como portador de uma sexualidade ativa e desenfreada. Entretanto, observamos que esse modelo é um ideal predominante no imaginário social, mas que nem sempre é seguido no cotidiano das relações sexuais. Junto a isso, não podemos nos esquecer de que, ao lado do que é hegemônico, tanto há concepções alternativas quanto ideias contra-hegemônicas (Gomes, 2008a). Assim, os jovens, ao emitirem suas opiniões, tanto podem querer demonstrar a sua adesão a um modelo que lhes permite ser socialmente aceitos como podem trazer novas falas em um tom ensaístico de crítica ao estabelecido.

Também é importante contextualizar nossos achados com o período da adolescência ou juventude, em que a experimentação da sexualidade e a demarcação dos papéis sexuais têm grande valor na estruturação da identidade. O questionamento e a invenção de novos papéis sexuais fazem parte de um processo, permeado por crenças e preconceitos que orientam as vivências afetivo-sexuais dos jovens. No entanto, concordamos com Figueiredo (1998) quando ressalta que reconhecer a sexualidade como construção social envolve a necessidade de se questionarem ideias recorrentes na mídia e condutas idealizadas por todos os grupos sociais, independentemente de suas origens e localização.

Destacamos ainda a importância de um olhar de promoção da saúde na juventude, tendo em vista que muitos se mostram vulneráveis a algumas situações de risco nas relações afetivo-sexuais. Segundo Heilborn e colaboradores (2006), diferentes perfis de socialização da sexualidade exigem também estratégias diferenciadas de acordo com a região, o grupo social e o nível de instrução.

São poucas as diferenças observadas entre jovens das dez cidades investigadas, assim como não são também impactantes as distinções constatadas entre jovens inseridos no ensino público e no privado. A forma similar de se relacionar amorosamente na adolescência aponta para o que Lassance (2005) chama de “identidade nacional” nos comportamentos de jovens brasileiros.

Finalizamos considerando que o afeto e a sexualidade são dimensões humanas que envolvem gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução, experiências que são vivenciadas através de fantasias, pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores, práticas, papéis e relacionamentos. Afeto e sexualidade dizem respeito, além do nosso corpo, a nossa história, a nossos costumes e a nossa cultura no sentido mais amplo (Abramovay, Castro & Silva, 2004).